

JOVENS EM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO: SUAS CONDIÇÕES SOCIO-ECONÔMICAS IMPORTAM?

Raul Japiassu Câmara¹

“Volta Redonda não fornece ao Brasil apenas aço! Redime o trabalhador e prepara novas gerações”².

RESUMO

O trabalho a seguir dedica-se a apresentar resultados de uma pesquisa realizada, em 2016, com jovens em Medida Socioeducativa de Internação (MSI) nas unidades do Departamento Geral de Ações Socioeducativas (DEGASE) no estado do Rio de Janeiro. Buscamos dados relacionados às condições econômicas (nível e composição da renda familiar), faixa etária, etnia e relações com a instituição escolar. Comparamos estes dados às unidades do sul e norte fluminense, além da capital. Fornecemos elementos a fim de compreender igualdades e diferenças entre os jovens da pesquisa e suas regiões de origens. Contudo, não podemos esgotar o assunto apenas neste trabalho. Objetivamos a reflexão destes fatores socioeconômicos que afetam os jovens, que os vulnerabilizam socialmente. Sinalizamos maior intervenção em investimentos sociais a fim de minorar desigualdades.

1 Professor de História formado pela Universidade Federal Fluminense (UFF) em 1992. Leciona em escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro desde 1992 e no DEGASE a partir de 2001, trabalhou no Colégio Estadual Gildo Candido da Silva, no interior do Educandário Santo Expedito (ESE). Em 2012, transferiu-se à Assessoria de Sistematização (ASIST) onde se encontra atualmente em atividade de organização das fontes históricas na socioeducação no estado do Rio de Janeiro, junto ao Centro de Documentação e Memória (CEDOM). Graduiu-se Mestre em Educação pela UFRJ em 2016, na área de História da Educação, com a dissertação “A gênese das primeiras escolas no Departamento Geral de Ações Socioeducativas do Rio de Janeiro (DEGASE/RJ): uma escolarização sui-generis (1994-2001)”.

2 Discurso proferido pelo Presidente Juscelino Kubitschek em 10/10/1960, por ocasião da inauguração do “8º forno de aço” na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Fato pelo qual forneceu ao país a posição entre os maiores produtores de aço do mundo. Jornal “O Globo”, 11/10/1960, Matutina, Geral, p.15/17.

INTRODUÇÃO

Ainda sob a euforia desenvolvimentista dos anos 1950, o Presidente Juscelino Kubistchek inaugurou mais um alto forno na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), pelo qual levou o Brasil junto aos maiores produtores de aço do mundo. Em seu discurso conjectura que desta expansão econômica viria o preparo às “novas gerações” naquela região do estado.

Neste sentido, temos por objetivo neste texto, analisar comparativamente os dados fornecidos na pesquisa “Trajetória de vida de socioeducandos privados de liberdade: a realidade para além do ato infracional” com 307 jovens³ em MSI, através de entrevistas por amostragem aleatória simples entre agosto a dezembro de 2016, nas seis unidades de internação do DEGASE no estado do Rio de Janeiro. Na busca dos efeitos socioeconômicos que afetam estas “novas gerações”.

Realizamos a pesquisa nos Centros de Socioeducação (CENSE’s⁴) de Volta Redonda e Campos, comparando-os com os capital: Escola João Luiz Alves (EJLA), Educandário Santo Expedito (ESE), CENSE Professor Antônio Carlos Gomes da Costa (PACGC) e na baixada fluminense o Centro de Atendimento Intensivo Belford Roxo (CAI-Baixada).

A investigação foi realizada pelos servidores da Assessoria de Sistematização Institucional (ASIST)⁵ do DEGASE em conjunto com alunos da Universidade Federal Fluminense (UFF), através do seu Grupo de Trabalho e Estudos sobre Políticas de Restrição e Privação de Liberdade do Programa de Pós-graduação⁶. Através da coordenação conjunta de Cláudia Mendes (ASIST/DEGASE) e o professor Doutor Elionaldo Fernandes Julião (UFF).

Analizamos informações socioeconômicas referentes às composições da renda familiar, índices que envolvem idade, cor e escolaridade dos jovens. Para fins metodológicos, apresentamos os dados tripartidos em regiões geopolíticas do estado do Rio de Janeiro, agregados sob as rubricas de “Capital” (EJLA, ESE, CAI-Baixada), o sul fluminense representado pelos números colhidos no CENSE Volta Redonda e na parte norte do estado pelo CENSE Campos.

Observamos algumas questões específicas para este trabalho: não utilizamos dados oriundos da unidade de internação feminina (PACGC), pela inexistência desta modalidade de internação nos CENSE’s Volta Redonda e Campos. Entendemos que dados provenientes de espaço socioeducativo exclusivamente habitado pelo sexo feminino, trazem especificidades teóricas que fogem à discussão proposta do trabalho onde se objetiva comparar informações de unidades que apenas abrigam jovens do sexo masculino.

3 Procuramos tratá-los como “jovens” no texto, pois há dados de indivíduos que ultrapassam a idade legal da adolescência conforme o mandamento legal que regula o caso (Art.2º da Lei 8.069 de 13/07/1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e dá outras providências: “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”. O número total de entrevistados em cada unidade foi-nos dado pela estatística.

4 A partir de 2013 o sistema de internação foi ampliado. Duas novas unidades foram inauguradas no interior do estado: em dezembro o CENSE Irmã Assunción de La Gándara Ustará, para 90 jovens e, em maio, o CENSE Professora Marlene Henrique Alves para 80 jovens, em Volta Redonda e Campos dos Goytacazes, com capacidade para 90 e 80 jovens do sexo masculino, respectivamente. Dados disponíveis no site do novodegase.rj.gov.br.

5 Participaram como pesquisadores: Leandro Soares de Souza, Maria Tereza Azevedo Silva, Raul Japiassu Câmara, Rodolfo Rodrigues de Souza e Soraya Sampaio Virgílio. Como colaboradoras: Lídia da Costa Oliveira, Lilian Cristina da S. R. Casimiro e Vivian de Oliveira. Orientação estatística de Patrícia Repinaldo.

6 Participaram os pesquisadores: Íris Menezes de Jesus, Renan Saldanha Godoi e Vivian de Oliveira.

Não desejamos neste trabalho esgotar o debate das influências econômicas e sociais no cometimento de atos análogos ao crime, mesmo porque compreendemos que há variedades de causas que este artigo não teria condições de abordar. Nem tampouco justificar tais ações em categorias exclusivamente materiais de seus atores. Fato que provocaria possíveis interpretações errôneas de criminalizar os filhos das classes populares.

Buscamos, assim, provocar reflexões baseadas na importância de fatores econômicos, sociais e étnicos que guardam uma série de semelhanças e diferenças entre regiões geográficas do estado do Rio de Janeiro e entre os jovens da pesquisa, iguais apenas na condição de estarem privados da liberdade, mas que apresentam uma complexidade de aspectos, pelo qual buscamos um denominador comum.

IDADE E COR DOS JOVENS E SUAS TRAJETÓRIAS ESCOLARES

O primeiro dado verificado na pesquisa é a faixa etária dos jovens internados nestes espaços de socioeducação conforme demonstra a Tabela 1 abaixo:

Tabela 1 – Quantos anos você tem?⁷

Idade	CENSE Volta Redonda (%)	CENSE Campos (%)	Capital (%)
13	0	0	0,9
14	13,3	0	2,5
15	3,3	11,7	10,6
16	13,3	14,7	22,5
17	36,8	41,2	38,3
18	20,0	17,7	23,0
19	10,0	5,9	1,3
20	3,3	8,8	0,9
Total	100	100	100

Fonte: Pesquisa DEGASE/2016.

Podemos verificar semelhança no que diz respeito à faixa etária de 17 anos como hegemônica aos meninos em MSI. Quando somamos as faixas de 13 a 16, também constatamos uma relativa semelhança entre os meninos em Volta Redonda cerca de 30%, para Campos 27% e um aumento para os da Capital em 36,5%. Somadas as faixas de 18 a 20 constatamos o mesmo fenômeno para Volta Redonda com 33,3%, para Campos 32,4% e uma diminuição de meninos em MSI nesta faixa etária na Capital em 25,2%.

Mesmo que em faixas etárias específicas percebemos diferenças, quando somadas averiguamos semelhanças, principalmente entre Volta Redonda e Campos, quando comparadas com os dados oriundos das unidades da Capital.

Podemos efetivar algumas hipóteses acerca destas similaridades e diferenças. Cogitar, por exemplo, uma maior incidência de meninos no cometimento de atos

⁷ Referente à questão um do questionário da Pesquisa DEGASE/2016. Vale lembrar que os títulos utilizados nas Tabelas são as questões realizadas aos jovens nas entrevistas. Exceto a Tabela 8.

infracionais na Capital na faixa etária de 13 a 16 anos e em uma relativa igualdade na faixa dos 17 anos faz-nos refletir que representa a média da idade específica do adolescente em MSI que guarda semelhança nos três espaços.

No aumento percentual em Volta Redonda e Campos das faixas etárias de 18 a 20 anos, podemos interpretar, também como possível hipótese, que os jovens em MSI nestas unidades permanecem em média um período maior de tempo internados em comparação com os da Capital. Porém, observamos que este item traz maior analogia entre as unidades do interior do estado.

Outra característica que julgamos importante comparar são as características relacionadas à identificação com a cor da pele. De acordo com a Tabela 2 abaixo:

Tabela 2 – Qual é sua cor ou raça?⁸

Respostas	CENSE Volta Redonda (%)	CENSE Campos (%)	Capital (%)
Branco	43,3	17,6	16,6
Preto	30	38,2	28,5
Pardo	23,3	38,2	51
Outros	3,4	6	3,9
Total	100	100	100

Fonte: Pesquisa DEGASE/2016.

Nota-se que a soma dos que se identificaram como pretos e pardos aparecem como hegemônico nas três áreas, porém com variações: 53,3% para Volta Redonda; 64,4% para Campos e 79,5% nas unidades da capital. Destacamos a desproporcionalidade de jovens em MSI pretos e pardos, caso compararmos com a composição étnica da população total do Rio de Janeiro no Censo de 2010⁹ : formada por 51,26% de brancos, 36,69% de pardos, 11,2% de pretos, 0,09% outra etnia (indígenas e amarelos) e 0,03 sem declaração. Ou seja, a soma de pretos e pardos é de 48%, abaixo do que apresentamos nas três regiões. Principalmente em Campos e nas unidades da capital do estado. Temos que refletir acerca destas divergências de percentuais.

O fato do CENSE-Volta Redonda apresentar um alto índice de jovens identificados com a cor da pele branca (43,3%), mesmo com ampla utilização da mão de obra escrava nos cafezais no séc. XIX, em comparação aos outros locais da pesquisa, pode estar relacionado à História, talvez pela política motivada no início do séc. XX à emigração europeia na Região do Médio Paraíba Fluminense. Porém esta questão merece maior aprofundamento em outras pesquisas.

Outra questão de suma importância é a relação destes jovens com a escola. Primeiramente investigar se estavam nesta instituição quando apreendidos. Conforme Tabela 3 que segue:

⁸ Referente à questão dois do questionário da Pesquisa DEGASE/2016.

⁹ Tabela 262 – “População residente por cor ou raça, situação e sexo” – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

Tabela 3 – Você estava estudando quando foi apreendido?¹⁰

Respostas	CENSE Volta Redonda (%)	CENSE Campos (%)	Capital (%)
Matriculado, mas não frequentava	26,7%	11,7	11
Não	46,6	53	64,7
Sim	26,7	35,3	24,3
Total	100	100	100

Fonte: Pesquisa DEGASE/2016.

Se adicionarmos os que estavam “matriculados, mas não frequentavam” com os que realmente admitiram não estarem no ambiente escolar, temos para Volta Redonda 73%; 65% em Campos e, aproximadamente, 76% na capital. Ou seja, cerca de 3/4 dos jovens em MSI encontravam-se nesta distante do ambiente escolar quando apreendidos. Um altíssimo índice que somente eleva a vulnerabilidade social destes jovens.

Podemos complementar a Tabela 3 com outra questão para analisá-las conjuntamente, conforme Tabela 4 a seguir:

Tabela 4 – Há quanto tempo estava fora da escola antes da sua apreensão?¹¹

Respostas	CENSE Volta Redonda (%)	CENSE Campos (%)	Capital (%)
Menos de seis meses	16,7	11,8	10,2
Entre 6 meses e 1 ano	23,3	8,8	14,9
Mais de um ano	33,3	44,1	49,8
Não responderam	26,7	35,3	25,1
Total	100	100	100

Fonte: Pesquisa DEGASE/2016.

Verificam-se elevados índices de jovens fora da escola em um tempo superior a “mais de um ano”, principalmente na capital do estado. O que confirma a Tabela 3. Várias são as razões deste processo de exclusão escolar na trajetória destes adolescentes que vieram cometer atos infracionais, porém não nos cabe neste trabalho abordá-los, apenas corroborar na reflexão se esta escola, marcada pela evasão, contempla de forma satisfatória às classes populares em seus projetos de vida, se os atendem nas perspectivas e demandas pautadas pela contemporaneidade, ou encontra-se ainda adequada apenas à lógica da manutenção do capital cultural aos já privilegiados na sociedade.

Bourdieu (2003, p.155) expõe o tema em uma entrevista fornecida em 1978. Passaram-se quarenta anos e ainda nos facilita como base à reflexão em tempos atuais:

10 Referente a questão 53 do questionário da Pesquisa DEGASE/2016.

11 Referente a questão 54 do questionário da Pesquisa DEGASE/2016.

(...) uma das razões pelas quais os adolescentes das classes populares querem sair da escola e começar a trabalhar muito cedo, é o desejo de ascenderem o mais depressa possível ao estatuto de adulto e às capacidades econômicas que lhe encontram associadas: ter dinheiro é muito importante como afirmação perante amigos, perante as meninas¹² (...) e serem reconhecidos e reconhecerem-se como “homens”.

Averiguar o abandono escolar no momento em que ocorrem suas apreensões, significa dimensionar que a infrequência da escola e sua consequente evasão promovem o distanciamento a uma instituição que deveria estar projetada em acolhê-los em suas trajetórias de vida, porém, ainda guardam valores éticos, projetos individuais e coletivos pautados na legalidade. O índice de reprovação escolar, demonstrada pela Tabela 5 abaixo, confirma a conflituosa relação entre a escola e estes jovens.

Tabela 5 – Você já repetiu de ano?¹³

Respostas	CENSE Volta Redonda (%)	CENSE Campos (%)	Capital (%)
Uma vez	23,4	20,6	21
Duas vezes	33,3	20,6	32,7
Três vezes ou mais	33,3	53	32,7
Nunca	10	5,8	14
Total	100	100	100

Fonte: Pesquisa DEGASE/2016.

Várias foram as respostas dos entrevistados quanto ao insucesso escolar. As majoritárias foram: “excesso de faltas, o desgosto pelos estudos e dificuldade de aprendizagem”. Alguns alegaram: “a bagunça em sala de aula, problemas de relacionamentos com colegas e professores”. Poucos mencionaram: “o trabalho prejudicou, doença e discriminação no ambiente escolar”. Ou seja, o fato é que a retenção escolar faz parte de suas trajetórias e acaba por desestimulá-los a frequentar tais espaços vulnerabilizando-os ainda mais socialmente.

Percebemos através das Tabelas 4 e 5, que os índices das unidades do interior apresentam alguma semelhança entre si, diferenciando-se com as da capital. Nesta a metade dos jovens mencionam estar fora da escola há “mais de um ano” (49,8%). Em Campos um pouco menos da metade (44,1%), apesar de elevado índice de retenção escolar (53%, reprovados por “três vezes ou mais”). Um terço em Volta Redonda (33,3%), fora da escola por “mais de um ano”, que também apresenta elevado índice de reprovação, caso somarmos os que mencionaram ter sido “duas vezes” com “três ou mais” (66,6%).

Estes números levam ao abandono à escola. Significa a primeira infração cometida por estes jovens, seus responsáveis e pela sociedade como um todo. Esta pela recusa em discutir o assunto, em privilégio a outros julgados mais relevantes. Possivelmente porque suas consequências atingem de forma mais intensa os filhos das classes populares.

12 No original encontra-se “rapariga”. Termo amplamente utilizado na língua portuguesa falada em Portugal.

13 Refere à questão 57 do questionário da Pesquisa DEGASE/2016.

Cerqueira e Moura (2015, p.11) perceberam a relação da importância em mantê-los na escola, principalmente na faixa etária de maior cometimento do ato infracional:

digno de nota é o resultado negativo e significativo da taxa de atendimento escolar de jovens entre 15 e 17 anos sobre a taxa de homicídio no município. Segundo o resultado, o aumento de 1% nessa taxa reduz a taxa de homicídios em 1,9%. (...). Essa variável mostra que manter o adolescente na escola funciona como uma forma de prevenir sua entrada no crime e, adicionalmente, acrescenta conhecimento, melhorando o seu capital humano e sua produtividade, o que, por sua vez, eleva a sua chance de inserção no mercado de trabalho quando do término do seu processo de escolarização.

Difícil missão de mantê-los na escola, pelo qual não está estruturado para recebê-los e traz em seu bojo a marca do insucesso em suas trajetórias, nas elevadas reprovações.

Passamos a verificar os números referentes à renda familiar dos jovens em seus domicílios. Conforme a Tabela 6 abaixo:

Tabela 6 - Somando todas as rendas do domicílio, incluindo a sua, de quanto foi aproximadamente a renda familiar em sua casa no mês passado?¹⁴

Renda	CENSE Volta Redonda (%)	CENSE Campos (%)	Capital (%)
Até 1 S.M.	20,8	17,2	24,7
De 1 a 2 S.M.	54,2	44,8	23,6
De 2 a 3 S.M.	12,5	10,3	18,7
Mais de 3 S.M.	12,5	27,6	33
Total	100	100	100

Fonte: Pesquisa DEGASE/2016

Os índices acima sugerem maior precariedade econômica associada à formação das rendas domiciliares dos adolescentes em MSI de Volta Redonda em comparação aos outros dois espaços de socioeducação: mais da metade mencionou que a renda familiar encontra-se em torno de 1 a 2 S.M e apenas 12,5% admitem ser superior a 3 S.M., o que representa a metade de Campos (27,6%) e aproximadamente um terço dos adolescentes da capital (33%). Neste espaço as percepções das rendas encontram-se polarizadas: enquanto 1/4 menciona receber “até 1 S.M.” (24,7%), em contrapartida um terço afirma viver em seus domicílios com “mais de 3 S.M”.

Após os quadros descritos de precariedade na composição das rendas, analisaremos abaixo a Tabela 7 que se refere à quantidade de pessoas residentes nos domicílios dos jovens entrevistados.

¹⁴ Refere à questão 20 do questionário da Pesquisa DEGASE/2016. Dentre os adolescentes entrevistados o percentual que a respondeu a questão foi: 80% em Volta Redonda, 85,3% em Campos e 77,4% na capital. Buscamos analisar este universo como 100%.

Tabela 7 – Quantas pessoas moram em sua casa, incluindo você?

Resposta	CENSE Volta Redonda (%)	CENSE Campos (%)	Capital (%)
Uma	-	3,1	4,7
Duas	6,7	18,2	9,1
Três	33,3	18,2	14,7
Quatro	16,7	15,1	22,8
Cinco	16,7	15,1	18,1
Seis ou mais	26,6	30,3	30,6
Total	100	100	100

Fonte: Pesquisa DEGASE/2016.

Exceto os jovens em MSI em Volta Redonda que, de forma majoritária, afirmaram que em suas residências moram “três pessoas”, os de Campos e da Capital coincidiram seus picos em “seis ou mais”, diferenciando-se por décimos. Mesmo assim verificamos para Volta Redonda um índice considerável para este quantitativo, 26,6%.

Podemos relacionar os dados acima com a Tabela 6. Caso somarmos os percentuais das rendas familiares de “até um salário mínimo” com o nível posterior de “um a dois salários mínimos”, temos: 75% para os jovens em Volta Redonda, 62% para os de Campos e 48,3% na Capital.

Ou seja, 3/4 dos jovens entrevistados em Volta Redonda vivem em seus domicílios com no máximo dois salários mínimos e 26,6% afirmaram que em suas residências havia “seis ou mais” pessoas; em Campos mais da metade com esta faixa de renda e 30,3% com “seis ou mais” pessoas nos domicílios; na capital quase a metade vive com até dois salários mínimos e 30,6% afirmam conviver com este quantitativo de pessoas em seus domicílios. Fato este que agrava ainda mais a situação financeira das famílias dos jovens pesquisados.

Ressaltamos as opções da procedência do(s) recurso(s) na formação da renda familiar dispostas aos jovens no questionário (Pesquisa DEGASE/2016), tais como:

Salário, “bolsa família”, pensão, “bicos”, aposentadoria, trabalho como autônomo (camelô, ambulante, etc.), trabalho informal (trabalho fixo, mas sem carteira assinada), renda de patrimônios (lucros ou rendimento de caderneta de poupança, etc.), aluguel social, seguro desemprego, ajuda de algum familiar, renda social e recursos ilícitos.

A renda familiar é formada pela interrelação destas fontes entre os membros que compõe a família do jovem. Pode ser apenas uma, duas ou vários recursos somados pelos indivíduos que habitam o domicílio. A Tabela 8 abaixo informa a porcentagem de duas destas rendas na composição final do rendimento familiar: o “Programa Bolsa Família”¹⁵ (PBF) e os recursos provenientes de atividades ilícitas. Também demonstra quando estes aparecem associados entre si e com outras rendas quaisquer.

15 O Bolsa Família é um programa que contribui para o combate à pobreza e à desigualdade no Brasil. Ele foi criado em outubro de 2003 e possui três eixos principais: complemento da renda, acesso a direitos e a articulação com outras ações (tem capacidade de integrar e articular várias políticas sociais a fim de estimular o desenvolvimento das famílias, contribuindo para elas superarem a situação de vulnerabilidade e de pobreza). Desde 2011, o Bolsa Família faz parte do Plano Brasil Sem Miséria, que reuniu diversas iniciativas para permitir que as famílias deixassem a extrema pobreza, com efetivo acesso a direitos básicos e a oportunidades de trabalho e de empreendedorismo. O Programa Bolsa Família está previsto em lei – Lei Federal nº 10.836, de 9 de janeiro de 2004 – e é regulamentado pelo Decreto nº 5.209, de 17 de setembro de 2004”. (BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social).

Tabela 8 – Recursos provenientes do “Programa Bolsa Família”, de atividades ilícitas e de suas associações com outros rendimentos na composição final da renda familiar dos adolescentes em MSI.

Origem da Renda	CENSE Volta Redonda (%)	CENSE Campos (%)	Capital (%)
Somente PBF	3,3	-	1,3
PBF somado com outra(s) renda(s) exceto com os recursos ilícitos	16,7	29,4	25,5
Somente os Recursos ilícitos	-	2,9	5,1
Recursos ilícitos somados com outra(s) renda(s) exceto o PBF	13,3	9,0	14,5
O PBF + “recursos ilícitos”.	3,3	-	0,8
O PBF + “recursos ilícitos” + somados a(s) outra(s) renda(s).	-	2,9	10,2
Demais composições de rendas sem o PBF e os “recursos ilícitos”	63,4	55,8	42,6
Total	100	100	100

Fonte: Pesquisa DEGASE/2016.

OPBF majorado a(s) outra(s) renda(s), exceto aos proventos oriundos da ilicitude, temos um relativo aumento de cerca de 1/6 para os domicílios do sul fluminense; 1/3 para o norte e 1/4 para os da capital. Constatamos um aumento quando os recursos ilícitos somam-se a(s) outra(s) renda(s), exceto ao PBF: 13,3% para os adolescentes em MSI do CENSE Volta Redonda; 9% do CENSE Campos e 14,5% na Capital.

Quando somamos todas as rendas, exceto as provenientes do PBF e dos recursos ilícitos, verificamos as formas majoritárias na participação da renda familiar: 63,3% no CENSE Volta Redonda; 55,8% do CENSE Campos e 42,6% na Capital. Podemos concluir a partir da análise dos dados acima:

- A) Baixa porcentagem de rendas familiares compostas exclusivamente pelo PBF, pelos recursos ilícitos e também quando somados;
- B) Quando compõe o orçamento familiar o PBF predomina em relação aos recursos provenientes de atividades ilícitas;
- C) São outras composições de renda que predominam no domicílio dos jovens em MSI, que o PBF e os recursos ilícitos não integram.

Acreditamos que ações governamentais de aumento da renda familiar articuladas à frequência à escola, podem obstar ações ilícitas entre os jovens. Observamos dados que demonstram a dificuldade na aquisição de recursos e sua precariedade, nas três regiões pesquisadas. Não só a permanência na escola pode conter atividades ilícitas, mas articulado com outras ações como menciona Cerqueira e Moura (2015, p.16) a respeito:

os autores mostram que não é o maior tempo na escola que reduz a criminalidade – ainda que o tempo na escola compita com o tempo em atividades criminais – mas sim de dois outros canais. O primeiro canal ocorreria por causa do aumento da renda da família do adolescente, o que reduz o incentivo ou a necessidade desses jovens de se envolverem em crime de motivação econômica. O segundo canal é de interação social, ou seja, o grupo de colegas dos jovens abrangido pelo programa é afetado tanto pela matrícula na escola quanto pela exigência de frequência elevada às aulas. Se o grupo de colegas dentro da escola é melhor do que aquele que o jovem tem fora nas ruas, o comportamento dele tende a melhorar, o que acaba afastando-o das atividades criminais.

Assim, buscamos através destes dados refletirmos acerca das condições socioeconômicas dos jovens em MSI, nas três regiões geográficas que o DEGASE possui unidades de internação masculina, suas igualdades e diferenças, além de provocar à necessidade de ações governamentais antes que estes ingressem nas mesmas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos números discutidos neste trabalho verificamos um quadro de extrema precariedade econômica e na perspectiva da infrequência escolar, vivenciada pelos adolescentes em MSI, nas três regiões pesquisadas.

Buscamos hipóteses sem maiores pretensões: a primeira delas encontra-se nas dificuldades na composição da renda familiar e evasão escolar de jovens no sul fluminense. Pode estar relacionado ao processo de “desindustrialização” com forte impacto econômico nesta região a partir dos anos 1990, através da concorrência com outras regiões produtoras de aço no mundo e pela crise mundial que afetou a siderurgia, sendo a região sul fluminense um importante polo.

Paralelo ao empobrecimento da população, o PBF a fim de minorar tal conjuntura, contempla um menor número em Volta Redonda quando somado a outras fontes de renda, comparado a Campos e a capital do estado. Ou seja, parece-nos uma distorção a ser sanada.

Outra característica deste trabalho foi desmistificar a relação dos recursos ilícitos na composição exclusiva na renda familiar. Nutrido pelo preconceito social, que são estes os principais proventos que mantém as famílias destes jovens em MSI, por isto o alto índice de violência, pois nos faz acreditar que são altos os valores oriundos da ilicitude que acabam mantendo-os. Diferente desta conclusão, assistimos a uma insignificante margem de que estes recursos abastecem os domicílios destes jovens: uma porcentagem um pouco maior na capital (cerca de 5%) em relação ao interior do estado (0% para Volta Redonda e cerca de 3% para Campos).

Não enfatizamos o trabalho no ato infracional nem tampouco desejamos justificá-lo, mas compreender as possíveis condições que podem levá-los ao cometimento do mesmo, não como determinante, mas na forma de hipóteses que ao agravar o processo de vulnerabilidade social pelo qual estes jovens estão submetidos econômica e socialmente, pode representar uma condição à ilicitude, somado a outros fatores em suas trajetórias de vida.

Desde as inaugurações, em 2013, os CENSE's Volta Redonda e Campos encontram-se trabalhando além de suas capacidades. A fronteira das unidades lotadas parece deslocar das unidades da capital a caminho do interior do estado, tanto ao norte quanto ao sul. Junto aos problemas socioeconômicos enfrentados nestas três regiões.

Acreditamos que o desenvolvimento econômico deu-se de forma distinta entre estas três regiões mencionadas no trabalho. Fruto das especificidades de suas formações históricas, crises nacionais e internacionais em um mundo globalizado, enfrentadas de forma diversas que impactaram as condições de subsistência de sua população. Refletindo com maior intensidade nas classes populares sujeitos da pesquisa. Desemprego, queda da renda do trabalhador, evasão escolar e aumento da criminalidade nos grandes centros urbanos puderam ser sentidos com maior percepção na última década principalmente no interior do estado do Rio de Janeiro.

Faz-nos refletir sobre o desenho que segue no texto, originalmente fixado ao mural do Colégio Estadual Padre Carlos Leônico da Silva, no Instituto Padre Severino (IPS), de autoria de um adolescente em internação provisória acerca das relações escravistas no Brasil, onde todos aparecem em grilhões, inclusive em uma criança no colo da mãe.

Imagem 1 - Foto de um desenho de um adolescente em internação provisória no IPS referente a escravidão no Brasil.



Fonte: mural do Colégio Estadual Padre Carlos Leônico que funciona no interior do IPS. Ano 2016.

Muitos jovens pretos e pardos, ainda vivem acorrentados, mas às péssimas condições de vida que os colocam como principais sujeitos à vulnerabilidade social, onde o mesmo Estado que os relegou a séculos de cativo, ainda os condena à precariedade econômica e só se mostra eficaz quando os acorrentam à privação da liberdade.

Mesmo após cento e trinta anos do fim das relações escravistas de produção, enfrentamos situações que nos remetem lembrar o atraso social e econômico a que muitos herdaram deste período, onde podemos traçar um perfil destes jovens em MSI, válido nos três espaços geográficos da pesquisa: a grande maioria dos jovens são pretos e pardos, entre 16 e 17 anos, baixa renda familiar e dificuldade em compô-la, além do elevado índice de exclusão escolar. Parece-nos que as “novas gerações” não foram democraticamente “preparadas”, em consonância ao crescimento econômico que estas regiões tiveram ao longo da História.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). “População residente por cor ou raça, situação e sexo” – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/262>. Acesso: 12/07/2018.

_____. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso: 09/07/2018.

_____. Ministério da Assistência Social.

Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e>. Acesso: 11/07/2018.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é só uma palavra. In: Questões de sociologia.

Lisboa: Fim de Século, p.151-162, 2003. Disponível em: https://monoskop.org/images/e/e8/Bourdieu_Pierre_Quest%C3%B5es_de_Sociologia_2003.pdf

Acesso: 09/07/2018.

CERQUEIRA, Daniel; MOURA, Rodrigo Leandro de. O efeito das oportunidades no mercado de trabalho sobre as taxas de homicídios no Brasil. Working Paper; December 2015.

Disponível em: https://www.anpec.org.br/encontro/2015/submissao/files_I/i12-0ce869e09e6385120c0146e239bb5bf8.pdf Acesso: 13/07/2018.

Pesquisa DEGASE/UFF: “Trajetória de vida de socioeducandos privados de liberdade: a realidade para além do ato infracional” realizada de agosto a dezembro de 2016 com adolescentes nas unidades de cumprimento de medida socioeducativa de internação (mimeo.).

Periódicos

Jornal “O Globo”, 11/10/1960, Matutina, Geral, p.15/17.